

A PRESENTAÇÃO

O número 11 da revista *Conexão Letras* traz como tema “A noção de arquivo em Análise do Discurso: relações e desdobramentos” e constitui-se de um conjunto de artigos que discutem tanto aspectos teóricos quanto metodológicos acerca dessa noção. Esses artigos formam um quadro teórico de definições da noção de arquivo, situando-a como “um nó em uma rede” formada por outras noções fundamentais para a Análise do Discurso, como formação discursiva, memória e autoria. E fundamentados nessa perspectiva teórica, apresentam um leque de possibilidades de análise sobre a circulação e a leitura de objetos de arquivo em diferentes materialidades, mostrando gestos de recorte, articulação, deslocamento, retorno...

Iniciando os trabalhos, o artigo de Maria Virgínia Borges Amaral “A dialética do arquivo: ‘pensar para trás’, entender o presente e mudar o futuro” faz uma retomada, procurando mapear o domínio de memória da noção de arquivo. A autora visita autores da História, colocando-os em diálogo com o modo como os autores da Análise do Discurso revisita(ra)m a História das Mentalidades. Para tanto, toma como objeto de estudo o discurso do arquivo e suas relações interdiscursivas com a história e a memória. E conclui que a capacidade de interpretar a dialética do arquivo nos escapa, já que as informações que fazem a história do presente, do passado e do futuro nos chegam de forma muito veloz e, com a mesma velocidade, elas se modificam, (re)atualizam, transformam-se.

Também propondo uma revisão teórica acerca da noção de arquivo, Vanice Maria Oliveira Sargentini, em “O arquivo e a circulação de sentidos”, analisa, a partir de um conjunto de regras propostas por Foucault (1968) para a produção e transformação dos enunciados – a dizibilidade, a conservação, a memória, a reativação e a apropriação –, como os meios e processos de circulação dos discursos atravessam esse conjunto de regras que definem o arquivo e produzem sentidos. Questionando-se sobre como trabalhar a dispersão fragmentada dos discursos que circulam na política do excesso e como considerar a produção do visível e do não visível na composição do arquivo, a autora conclui que ler o arquivo hoje significa “ler a circulação de sentidos”, articulando os princípios propostos por Foucault àquele de circulação no qual estão envolvidos o gênero e o tipo de suporte, a quantidade, a intensidade, a velocidade, a materialidade.

Já a articulação da noção de arquivo com as noções de formação discursiva e autoria é o gesto teórico-analítico realizado por Solange Mittmann no artigo “Formação Discursiva e autoria na produção e circulação de arquivos”. Problematizando questões de arquivos digitais, a autora observa o funcionamento da autoria na construção e no movimento do arquivo em relação à formação discursiva. Para tanto, traz três exemplos de obras de artistas contemporâneos – de Erik Kessels, de Eva e Franco Mattes, e de Hasan Elali – que circulam no ciberespaço e se inscrevem na formação discursiva artística, a qual está atravessada, nessas obras, por saberes das formações discursivas jornalística e tecnológica. A autora mostra que o modo de circulação faz significar de maneira particular os documentos do arquivo, o qual é pensado “no jogo de forças entre posições-sujeito de uma mesma formação discursiva ou entre formações discursivas, a partir da intervenção de uma memória”. Assim, diferentes processos podem ser identificados na leitura de arquivos, os quais, sobretudo

quando circulam no ciberespaço, são atravessados de “(im)precisões de tempo e espaço, em (des)limites de realidade e virtualidade, em derivas, direcionamentos e escapes.”

A relação entre arquivo e memória é acionada em “E o Twitter criou...Deus! Arquivo, gênero e humor em redes sociais”, de Janaina Cardoso Brum e Aracy Ernst-Pereira. Tomando como corpus micro-histórias postadas no perfil humorístico “Deus” (@OCriador) no Twitter, as autoras analisam o discurso humorístico sobre gênero – marcado pela polarização entre masculino e feminino – que faz referência ao religioso. E mostram que se trata de um espaço de repetição das relações de produção (dos sentidos) e de perpetuação de estereótipos.

Tomando diferentes arquivos de imagens visuais dos campos de concentração nazistas – o documentário *Memória dos campos*, o arquivo virtual de imagens gerado pelo site de buscas *Google.com*, uma reportagem do Jornal *O Globo* e o acervo do Museu do Holocausto em Washington – Carolina Fernandes, em “Esse e outros campos: a construção do arquivo visual dos campos de concentração nazistas”, propõe-se a analisar os efeitos do trabalho da memória discursiva na leitura desse arquivo visual. Ao tomar essas diferentes materialidades, a autora mostra, por um lado, como a formação discursiva exerce regulação sobre as leituras de arquivo e, por outro, como a memória discursiva pode levar à produção de uma leitura dos arquivos não prevista por uma memória histórica oficial.

Tocando ainda na relação entre arquivo e memória, Telma Domingues da Silva, em “Sobre o meio ambiente no curso da construção da cidade”, reflete sobre a relação da cidade com o meio ambiente, no processo de urbanização de Pouso Alegre – MG, tomando como ponto de partida narrativas, imagens e depoimentos sobre o Rio Mandu, em cujas margens se funda a cidade. Analisa, em documentos históricos, o processo de nomeação do Rio Mandu e sua relação com o nome da cidade, e observa que tanto a origem do nome Mandu quanto a relação com o nome Pouso Alegre têm versões diferentes. A autoria analisa, ainda, acervos fotográficos sobre o Rio Mandu e sobre o Rio Pinheiros, em SP, mostrando que há uma regularidade nesses acervos em que “o rio entra como elemento de um *discurso fotográfico sobre a cidade* a partir do acontecimento das enchentes e de inúmeras intervenções urbanas.” Por fim, analisa o depoimento de um ex-barqueiro na obra de retificação do Rio Pinheiros, explorando a relação entre a memória de seu Peralta, do Rio e da própria construção da cidade de São Paulo.

Refletir sobre os percursos de leitura do/no arquivo digital é a proposta de Dantielli Assumpção Garcia e Lucília Maria Abrahão e Sousa em “Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e o ciberespaço”. Após efetuar uma revisão teórica sobre a sociedade em rede e o ciberespaço, as autoras analisam as páginas do Facebook da Marcha das Vadias de diferentes estados brasileiros, apontando como as páginas se organizam e como selecionam dizeres acerca da mulher e do feminismo, mostrando, enfim, a heterogeneidade presente na rede, as alianças e os antagonismos.

Em “Do retorno ao arquivo à constituição do corpus e dos gestos de interpretação”, Caroline Mallmann Schneiders discute como o arquivo e o corpus são perpassados pelo funcionamento da ideologia, por gestos de interpretação, e condicionados pelas inquietações do analista. A fim de mostrar o movimento entre arquivo e corpus, a autora descreve os próprios movimentos de seleção, delimitação, descrição e interpretação envolvidos no desenvolvimento de sua pesquisa a respeito da articulação entre os saberes da Filologia e os da Linguística.

Ercília Ana Cazarin e Eduardo Silveira de Menezes, em “A mídia e o golpe de 1964: revista *O Cruzeiro* como aliada do discurso das forças militares”, tomam como arquivo uma edição especial da referida revista, publicada naquele ano e denominada “Edição

Histórica da Revolução”, a fim de observar como construiu a narrativa do golpe militar. Trabalhando sobre dois recortes analíticos – o discurso de legitimação do golpe e o de afirmação das ideias anticomunistas –, os autores mostram a reprodução de sentidos a respeito do capitalismo e do comunismo.

O retorno da mídia ao próprio arquivo é o tema que Belmira Magalhães e Helson F. da Silva Sobrinho apresentam no artigo “Práticas sociais, discurso e arquivo: a mídia e os gestos de leitura subjacentes”. Os autores analisam os discursos veiculados no *site* da Rede Globo “memoriaglobo.globo.com”, em que há, no momento histórico em que a empresa depara-se com fortes denúncias de manipulação, um retorno aos próprios arquivos do passado. As análises denunciam movimentos de silenciamento (censura) e de justificativa de possíveis “erros” da emissora, que, nos momentos históricos em que foram cometidos (no movimento pelas Diretas Já e no debate entre Collor e Lula), teriam funcionado, na perspectiva da empresa, como meros deslizes técnicos em prol de “acertos” maiores.

Também tratam do retorno da mídia ao próprio arquivo Silmara Dela Silva e Fernanda Luzia Lunkes em “E o casamento acabou: uma análise do arquivo de *Veja* sobre o imaginário da mulher divorciada”, no qual analisam duas reportagens produzidas em momentos distintos: em 1979, quando a publicação dedicou a sua capa a um seriado de TV que tinha como protagonista uma mulher “descasada”, e em 2013, quando essa primeira reportagem é retomada em uma das matérias que compõem a edição comemorativa aos 45 anos de *Veja*. As autoras mostram que, na primeira reportagem, a mulher divorciada é projetada como uma mulher a quem falta o casamento (“descasada”), “solitária” em sua jornada e que “sofre” social e emocionalmente. Já, na segunda, a expressão que comparece é “sem marido”, marcando, outra vez, algo que falta à mulher na condição de divorciada. Ocorre, portanto, segundo as autoras, uma ressignificação que “reinscreve o dizer da revista em um já-dito sobre a imagem da mulher que a associa à emoção e à fragilidade.” E, ao constituir uma memória de arquivo, produzindo um gesto de leitura sobre o seu próprio arquivo, *Veja* inscreve “o seu dizer em uma memória discursiva, atualizando certos efeitos de sentidos sobre a mulher, ao mesmo tempo em que impede que outros compareçam.”

Na seção Resenha, Rodrigo Oliveira Fonseca nos apresenta *Vivendo no fim dos tempos* de Slavoj Žižek. Em uma estruturação com base em cinco estágios de luto – negação, raiva, barganha, depressão e aceitação –, o livro aborda questões contemporâneas e “alerta para a necessidade de passarmos pelo ritual do luto, encarando os seus traumas e o seu vazio substancial como oportunidades que não devem ser perdidas”.

Como é possível observar, o conjunto dos trabalhos que compõem o presente número da revista *Conexão Letras*, além de trazer uma diversidade de objetos de análise, explora questões comuns que circundam o arquivo – seja como noção, seja como objeto sobre o qual debruçar-se. Agradecemos a participação dos pesquisadores envolvidos na confecção desse tecido de muitos fios e esperamos poder contribuir para futuras reflexões a respeito do arquivo.

Solange Mittmann
Evandra Grigoletto
Organizadoras